



ninguna huella  
ha podido  
demostrar

ninguna huella  
ha podido

Margarita Cerejido\*

## Mães solteiras por eleição e seus filhos: O evolover de sua subjetividade

Atualmente vemos um número crescente de pessoas que fazem parte de estruturas familiares monoparentais. Para abordar esse novo material é necessário repensar as teorias

de como esses filhos constituem sua própria identidade e subjetividade.

Nos anos 80, em Nova York, entrevistei um grupo de 30 mulheres grávidas, solteiras, que

decidiram ter filhos sem um parceiro. Explorei suas fantasias sobre como seriam os seus filhos e as relações que teriam com eles. Trinta anos depois, voltei a entrevistar essas mulheres e seus filhos.

A contribuição especial deste trabalho é ter explorado as fantasias dessas mães grávidas e depois a apreciação da experiência vital de mães e filhos.

Abordei o material usando como quadro referencial a teoria de Leticia Glocer Fiorini (2015) de que uma mãe, que às vezes está absorta em seu filho mas tem outros desejos além dele, pode exercer a função de terceiro e promover sua entrada no universo simbólico.

Apresentarei material fragmentário de três mulheres e suas filhas. As diferenças de cada caso põem ênfase na singularidade de cada problemática. As três mulheres eram, nos anos 80, profissionais com idades em torno de 40 anos.

### Paula e sua filha Susan

Paula era homossexual. Ficou grávida com o sêmen de um amigo. Sua parceira homossexual não desejava ter um filho.

### Monólogo 1988

“Você não deve criar expectativas porque deve deixar que a criança seja ela mesma. A minha parceira tem lembranças maravilhosas de construir castelos de areia e quer fazer um para ela. Preocupa-me abater-me; carregarei a criança nas costas e seguirei a minha vida normal. Sou uma apaixonada pelo meu trabalho. Gostaria que a minha parceira tivesse um laço com a criança, mas ela não tem interesse.”

### Monólogo 2016

“Susan consegue o que quer. Tem bons amigos e um bom companheiro. Tinha birras e sérios problemas de aprendizagem. Mas, com a ajuda de uma professora firme e dedicada, descolou-se e aprendeu muitíssimo.”

Paula relata que não sentiu falta de ter um parceiro. Quando Susan era pequena, a carregava permanentemente em uma mochila. Como consequência disso teve sérios problemas médicos. Expressou satisfação de que Susan não tivesse relação com o seu pai.

Susan: “A minha infância foi feliz porque passava muitíssimo tempo sincronizada com a minha mãe, e assim ela podia trabalhar. Temos uma ótima relação. A minha mãe se surpreendeu de que eu não aprendesse a ler rápido, porque ela tinha sido uma excelente aluna. Também se surpreendeu de que eu tivesse amigos, porque ela tinha sofrido problemas sociais. Mas eu ia ser eu mesma”.

### Ana e sua filha Lucy

Ana ficou grávida com um parceiro casual. Continuou com a gravidez, e ele a deixou.

### Monólogo 1988

“Os meus relacionamentos fracassaram. Espero ajudar a menina a conseguir o que eu não consegui. Imagino que será alegre e calma, não como eu. E teremos uma relação excelente. Tenho terror de ter um filho sem um pai.”

### Monólogo 2016

“Lucy é fantástica e ambiciosa, e sempre tem namorado. Somos muito unidas. Tende a se deprimir, eu era assim. Decidi ser professora para ter o mesmo calendário que ela.”

Ana relata que Sandy, uma amiga da sua mãe, e depois o seu pai, a apoiaram nesse projeto. Ela era apaixonada por música, pelo seu namorado e por sexo. Estava preocupada com a falta do pai. “Foi difícil, mas funcionou.”

Lucy: “Trabalho cuidando de gente. A minha mãe esforçou-se para me apoiar. É boa, mas ansiosa, e sua ansiedade me contagia. A nossa relação é bem próxima, porém difícil. Tenho um namorado carinhoso. Às vezes, me sinto deprimida. Cresci triste sem pai. Quando tinha cinco anos estava obcecada. Quando o conheci, não gostei. A minha mãe está sempre disponível. O meu avô é fantástico. E Sandy como avó, apoiando a minha mãe”.

### Marta e Jane

Marta ficou grávida com doador anônimo. Nunca tinha tido um relacionamento romântico.

### Monólogo 1988

“Não tenho fantasias. Espero que a criança seja extrovertida, não como eu. Não vem mais nada na minha mente. Sinto muito, María.”

\* Instituto Psicanalítico de Washington.

## Monólogo 2016

“Somos incrivelmente unidas. É maravilhosa. É artista e tem muito sucesso. É muito ansiosa e tem dificuldades nos relacionamentos. Quando pequena, inventava que o seu pai estava em viagem. Um dia perguntou: ‘Fiz algo de errado para que o papai fosse embora?’. Encontramos o doador há dez anos. Mas Jane não quis conhecê-lo, ele não se encaixava com a sua definição de si mesma.”

Marta relata que contratou uma babá e depois a acompanhou à sua cidade, “porque Jane precisava de mais alguém”. Nada a apaixonava.

“Senti falta de ter outra pessoa que se preocupasse tanto com Jane quanto eu. Foi difícil, mas foi o melhor que fiz na minha vida.”

Jane: “A minha vida é boa, sou artista, estou falida. Soube cedo o que queria ser. Sou ansiosa. Não tenho sucesso, como diz a minha mãe. Tenho sorte de ter o seu apoio incondicional, minha vida é difícil. Não tive relacionamentos estáveis. Sou afortunada de ter uma relação extraordinária e extremamente próxima com a minha mãe. Quando era adolescente, costumávamos brigar frequentemente. Durante o ensino médio decidi ir para um internato para ter um espaço para crescer. Sou tão próxima de minha mãe que foi difícil. Agora somos nós duas contra o mundo”.

## Discussão

Algumas filhas são mais felizes do que outras; porém todas, de diferente modo, são indivíduos capazes de amar e de trabalhar. Isso sugere que uma mãe que tem outros interesses, além de sua filha, pode exercer a função “do terceiro” e promover sua autonomia. Também vemos que, se a mãe tem dificuldade em ver a sua filha com desejos e necessidades próprias, dificultará a separação.

Mães e filhas são conscientes da necessidade de se separar.

Paula deseja outras coisas: seu trabalho, sua parceira. Mas é difícil para ela dar a Susan um espaço próprio, a “sincroniza”. Susan se “descola” apoiando-se em sua professora. Tem um rico mundo afetivo e profissional.

Ana deseja outras coisas, mas de forma ambivalente. Queria que Lucy tivesse um pai. Lucy fantasiava que um pai ideal a tinha aban-

donado, e não quis o real. Sente que sua mãe fez muito por ela e a deixa ansiosa. Mas também tem seu mundo de afetos e interesses próprios.

Marta é solitária e construiu um mundo reduzido. Não pode fantasiar e me chama de María. Ser mãe foi a sua única paixão. Fez uma identificação projetiva com Jane. Quer que Jane seja o que ela não é, extrovertida e vital.

Adquire sêmen e babá. Mas é consciente de que a filha precisa se separar, e por isso a deixa ir embora para um internato.

Quando adolescente, Jane faz uma ruptura violenta, quer crescer e vai embora. Tem uma vida interessante e amigos, mas sente angústia por não ter o sucesso que a mãe deseja. Diz que não tem tempo para um namorado. A mãe é tudo?

Os pais estão ausentes, e as filhas os concebem através da palavra da mãe: Susan não tinha interesse. Lucy e Jane fantasiavam um ideal e o verdadeiro não gerou interesse nelas.

Algo inesperado foi que todas essas mães precisaram de outra pessoa real que sentisse interesse pelas suas filhas: Paula teria precisado do desejo de sua parceira de ser mãe de Susan, para poder construir um castelo, um espaço que sozinha não pôde dar para ela. Mais tarde Susan se apoia na sua professora. Ana se sustenta na amiga da sua mãe. Marta contrata uma babá e depois a segue. Em todos os casos aparece um objeto que ajuda a romper a diáde e facilita a individuação. Algo para pensar.

Aparentemente, se a mãe tem desejos além da criança, e pode ver a criança com necessidades e desejos próprios, poderá exercer a função do terceiro e apoiar sua entrada no universo simbólico. A implicação é que as famílias monoparentais podem funcionar. Talvez procurando apoio em algum objeto exogâmico. Claramente, cada caso é singular.

## Referência

Glocer Fiorini, L. (2015). *La diferencia sexual en debate*. Buenos Aires: Lugar.